

2

Processos globalizatórios

2.1

A luz elétrica em Vista Alegre: uma promessa de modernidade

Foi na virada do século XX para o XXI que Vista Alegre começou a se inscrever no mapa da globalização. No início do ano de 2001, o Projeto Luz no Campo, uma parceria dos governos federal e estadual, levou a energia elétrica à zona rural de vários municípios do interior do Estado do Rio. Em Santa Maria Madalena, na Região Centro Norte Fluminense, uma das áreas beneficiadas foi Vista Alegre. Nesta localidade, situada numa região conhecida como Agulha dos Leais, a 35 quilômetros do centro da cidade, vivem cerca de 80 famílias; a maior parte delas sobrevive da agricultura de subsistência (produzindo legumes e hortaliças) e da criação de pequenos animais (porcos e galinhas) para consumo próprio. A renda familiar é complementada com o trabalho em propriedades maiores, de agricultores vizinhos, onde os homens são contratados como meeiros (recebem uma parte do lucro obtido com a venda da produção agrícola) ou empregados nos currais e nas lavouras. As mulheres cuidam da casa, dos filhos e de pequenas hortas domésticas. A comunidade também produz mandioca, leite - que é comercializado coletivamente em uma cooperativa - e frutas, como cítricos, maracujá e coco, processados em agroindústrias locais.

Santa Maria Madalena é um município de 10.840 habitantes situado na região centro-norte fluminense. Abrange uma área de 816,8 quilômetros quadrados e está localizado a uma distância de 230 quilômetros da capital do estado. Tem economia predominantemente agrária: vive da produção de frutas e hortaliças, da pecuária de leite em pequena escala e do artesanato mineral. A administração municipal emprega uma fatia da população. A cidade não possui indústrias e o esvaziamento econômico ocorre em ritmo acelerado. A explicação para esse dado é simples: a falta de ofertas de empregos na cidade faz com que jovens e adultos procurem nos municípios prósperos mais próximos – especialmente Macaé e Campos – oportunidades de trabalho. A companhia

estadual de eletricidade e as plataformas da Petrobras costumam absorver grande parte dessa mão-de-obra. Para os que ficam, restam, na sede, as vagas oferecidas pelo comércio, consultórios, bancos e, na zona rural, pelos sítios e fazendas.

Em Santa Maria Madalena, não há registros oficiais sobre Vista Alegre, embora a localidade esteja circunscrita em seus domínios territoriais. Neste lugar que não está no mapa, não há linhas de telefone fixo, nenhum de seus habitantes possui computador e os poucos aparelhos celulares não funcionam perfeitamente. Em Vista Alegre não há vendas, bares, praças ou lojas. A paisagem limita-se a poucas ruas de terra que se repetem uma após a outra, que levam às casas, uma após a outra. Para quebrar a rotineira aridez do lugar, duas edificações configuram o espaço público: a sede da igreja Assembléia de Deus e a escola estadual municipalizada Vista Alegre, onde estudam cerca de 40 crianças que cursam o ensino fundamental. A energia solar faz funcionar a geladeira, único eletrodoméstico disponível na escola; mas, ao longo das ruas, beirando as propriedades, as redes de energia elétrica e os relógios de luz praticamente novos se destacam, encostados às cercas de arame. De um lado e de outro, os currais e as vacas. Nos quintais avistam-se cães, galinhas, porcos, cavalos e antenas parabólicas. É por elas que um mundo novo e desconhecido começa a adentrar via satélite nessas casas simples de roça. A globalização chega pela televisão. Mas, que televisão? Que globalização?

A televisão como ferramenta através da qual Vista Alegre começa a se inserir no mapa da globalização permite cartografar essa localidade e sua relação com o mundo através de duas perspectivas: uma física e uma simbólica. Sob a perspectiva física, a materialidade do evento histórico – a implantação da energia elétrica – cria no lugar a possibilidade de um contato maior com um universo em grande parte e até então desconhecido⁶. Um movimento de aproximação que exige reavaliar os pressupostos antagonismos das dicotomias clássicas, considerando-se que o diálogo entre o global e o local torna cada vez menos visíveis as fronteiras entre o universal e o particular, o tradicional e o moderno, entre o urbano e o rural, entre o centro e a periferia, contrapondo, misturando, ampliando, complexificando os significados desses pares que pretendem categorizar e explicar o mundo;

⁶Certeau (1994) define lugar como a ordem segundo a qual os elementos são distribuídos nas relações de coexistência, pressupõe estabilidade, configuração de posições.

todavia, em Vista Alegre, trata-se de um movimento incipiente, predominantemente exógeno, impositivo, seletivo.

Quando a televisão torna os moradores de Vista Alegre espectadores da contemporaneidade, não está, necessariamente, tratando-os como protagonistas. Está, na verdade, disponibilizando para eles um mundo em imagens que, no entanto, permanece apenas ao alcance dos olhos. Os obstáculos físicos e as distâncias geográficas que os separam dos centros contribuem para acentuar as desigualdades, agravam as dificuldades, sobretudo as econômicas, e tendem a retardar a adoção de estratégias que poderiam incluí-los no mundo globalizado. Para se locomoverem, por exemplo, em direção a Conceição de Macabu, o centro mais próximo, os vistalegrenses, em sua maioria, só dispõem dos próprios pés. Não há linhas de ônibus que façam o trajeto. Na escola onde estudam as crianças locais, lugar onde se poderia começar a desenvolver e exercitar um processo de inclusão, ainda não há energia elétrica.

As limitações humanas também fortalecem o descompasso em Vista Alegre. A grande parte dos habitantes adultos mal completou a terceira série do primeiro grau, o que faz deles analfabetos funcionais: assinam o próprio nome, fazem contas e lêem com dificuldade. As crianças, muitas vezes, não fazem o dever de casa porque seus pais não saberiam ajudá-los. A situação financeira da maioria deles é um agravante: quase todos recebem mensalmente um salário mínimo. As condições de vida que se apresentam limitam as possibilidades de ascensão e fazem desse lugar um gueto de quase excluídos, pouco atraentes à globalização. Resistências locais, impostas pelo meio físico, que caracterizam o que Boaventura de Sousa Santos (2001) chamaria de globalização de baixa intensidade⁷.

Em Vista Alegre, ainda que seus moradores estejam cada vez mais expostos a um processo que pretende minimizar as fronteiras geográficas, longe e perto ainda são conceitos fisicamente presentes. O que está próximo é a escola, os vizinhos, a igreja, pessoas e instituições com que se lida cotidianamente, na periferia. Longe, por outro lado, no centro, estão Santa Maria Madalena e Conceição de Macabu, os postos de saúde, as agências bancárias, pessoas e instituições ligadas ao poder com os quais os moradores locais pouco se

⁷ Para Santos (2001), a globalização de baixa intensidade refere-se a processos mais lentos, difusos e ambíguos na sua causalidade.

relacionam e que poderiam garantir-lhes o verdadeiro acesso à modernidade, se houvesse interesse ou se estivessem em condições de fazê-lo. Bauman afirma que essa aparente oposição determina o grau de envolvimento com as coisas e um possível “compromisso” que se pode assumir com elas.

Próximo, acessível é, primariamente, o que é usual, familiar e conhecido até a obviedade, algo ou alguém que se vê, que se encontra, com que se lida e interage diariamente, entrelaçado à rotina e às atividades cotidianas. (...) Longe, por outro lado, é um espaço que se penetra apenas ocasionalmente ou nunca, no qual as coisas que acontecem não podem ser previstas ou compreendidas e diante das quais não se saberia como reagir: um espaço que contém coisas sobre as quais pouco se sabe, das quais pouco se espera e de que não nos sentimos obrigados a cuidar. (1999, p.21)

Podemos supor que o modo arcaico de vida, as privações e a exclusão a que os moradores de Vista Alegre estão sujeitos faz deste lugar, sob essa perspectiva, um caso de localismo globalizado, de globalização contra-hegemônica, onde as resistências são provocadas, não necessariamente, pela iniciativa do homem, mas pelas circunstâncias impostas, especialmente, segundo Bauman (1999, p.19), pelas “elites dos ricos e poderosos”, que ao longo do tempo criaram uma cultura própria que exclui as classes inferiores⁸.

A perspectiva simbólica irá percorrer o processo de produção de sentido que começa a se configurar no espaço a partir das trocas mediatizadas, inauguradas pela televisão e que ajudam a constituir o cotidiano e as relações entre os grupos⁹. Essa proposta também busca compreender de que maneira as relações sociais se modificam e se reestabelecem nesse contexto específico; e, finalmente, tenta traçar uma cartografia da recepção, tomando-se como referência não um programa de televisão em especial, mas as preferências individuais e, assim, detalhar, particularizar, partindo-se do pressuposto (e assumindo os riscos inerentes a esse posicionamento) de que o postulado da homogeneização é apenas uma desculpa para tratar a todos como iguais¹⁰. Se a recepção dos produtos da

⁸ Santos (2001) afirma que o localismo globalizado refere-se a processos em que a integração se dá pela inclusão subalterna e pela exclusão. Voltaremos a tratar do assunto mais detalhadamente ao longo deste capítulo.

⁹ Certeau (1994) define o espaço como um lugar praticado, um cruzamento de móveis animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram.

¹⁰ Esse trabalho se propõe a traçar uma cartografia da recepção de televisão na comunidade de Vista Alegre, sem que se queira dar à pesquisa um caráter predominantemente etnográfico, visto tratar-se de um estudo em Comunicação. A bibliografia consultada sobre o assunto, como, por exemplo, Leal (1986), Almeida (2003) e Hamburger (2005), entre outros, parte de um programa de

mídia depende de contextos e habilidades específicos, e se essa condição é determinante para dimensionar o uso que os indivíduos fazem desses produtos, é preciso tratar cada caso como único. É oportuno tentarmos compreender os processos através dos quais os moradores de Vista Alegre começam a se relacionar com os conteúdos globalizados, veiculados pela televisão, e passam a se inscrever na história da contemporaneidade, submetidos a uma ordem global que os coloca diante de situações decorrentes do globalismo localizado, em que a hegemonia se faz instaurar. Uma circunstância da ordem do presente, em que os percursos começam a transparecer através dos relatos. Relatos que, segundo Certeau “atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem em um só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos dos espaços” (1990, p.199). A partir de agora, é preciso investigar de que forma os moradores de Vista Alegre organizam sua viagem.

Questionados em uma matéria de televisão (produzida pela TV Serra Mar, hoje Intertv, afiliada da Rede Globo na região serrana), durante o processo de eletrificação, sobre os benefícios que a chegada da luz traria ao lugar, a grande maioria dos entrevistados festejava não apenas o conforto que a novidade traria, mas a possibilidade de assistir à tevê diariamente; até então, os poucos que possuíam o aparelho só podiam fazê-lo enquanto durava a carga de uma bateria que precisava ser recarregada no centro do município mais próximo, Conceição de Macabu, a uma distância de 15 quilômetros, percorridos de bicicleta.

Em meados de 2003, em uma visita a Vista Alegre foi possível constatar, com a ajuda do responsável pelo escritório da Emater local, Gézio Daflon, algumas mudanças promovidas pela eletrificação recente: a dona-de-casa Ângela Andrade havia conseguido aumentar a produção de queijos com a ajuda da geladeira; o fruticultor e pecuarista de leite Eliezer Noch expandiu a produção de laranjas em 50% com o benefício da irrigação e pôde finalmente instalar lâmpadas no curral para tratar do gado à noite. Quase todas as famílias já possuíam aparelhos de televisão, embora muitos ainda não tivessem comprado, por exemplo, um ferro de passar roupa ou um liquidificador. Dona Enilzete da Silva, uma das moradoras entrevistadas pela equipe de tevê dois anos antes, estava

televisão específico, as telenovelas, para esboçar os resultados empíricos da pesquisa de campo. No caso deste estudo, optou-se por utilizar outra metodologia; a partir dos programas a que os entrevistados assistiam pretendeu-se investigar de que maneira esses indivíduos utilizam-se dos conteúdos de que se apropriam.

muito animada com a conclusão do projeto. A aquisição do aparelho de tevê alterara a rotina da família: ela agora já não precisava mais carregar a bateria para assistir à televisão, mudara o horário de fazer “a janta” para poder acompanhar as novelas das 18h e das 19h da Rede Globo; o marido dela, seu Hernandes, passara a chegar mais cedo em casa aos domingos, dia em que antes se juntava aos amigos para “beber cachaça”; chegou a ser advertida pela professora dos filhos dela, de oito e onze anos, à época, de que os meninos estavam assistindo “muita televisão”, o que começava a interferir no rendimento escolar.

Em junho de 2005, numa nova ida à localidade, além das pessoas contactadas na primeira visita, outras famílias foram entrevistadas, a fim de expandir a pesquisa. Os resultados dessa segunda investida ajudam a compreender de que maneira os moradores locais utilizam o aparelho de televisão: a que programas assistem, com que frequência, por quanto tempo, em que horário, por exemplo. Dentre os moradores entrevistados, Alzeir de Souza Pego, 32 anos, comprou logo o aparelho de tevê porque gosta de assistir aos jogos de futebol e às novelas “para relaxar”; os filhos dele, Alef (13 anos) e Carolina (oito anos) assistem aos desenhos e filmes. Na casa de Antônio Luiz Lessa de Paula, de 21 anos, o aparelho de tevê fica ligado o dia inteiro: a mãe, dona Isabel, gosta de assistir às reprises das novelas da Rede Globo, exibidas à tarde, e o rapaz costuma acompanhar os campeonatos de futebol, inclusive os internacionais. A família passou a dormir mais tarde depois da compra da televisão. Dessa vez ficou constatado que, em se tratando de programação de tevê, nem todos têm os mesmos hábitos: dona Enilzete gosta de assistir à novela das 18 horas, *Alma Gêmea*, na TV Globo; dona Lúcia prefere os programas evangélicos das Redes Record e da CNT; Maria do Carmo destaca os atores bonitos da novela das 19 horas, *Bang Bang*, também da TV Globo e da novela *Rebeldes*, exibida pelo SBT; na casa de dona Maria Elza, a audiência oscila entre as novelas da TV Globo e da Rede Record, mas a família procura não perder o *Jornal Nacional*. A televisão incorporou o mundo ao cotidiano de Vista Alegre, passou a agendar a rotina doméstica, interferir no trabalho e no rendimento escolar; alterou, enfim, padrões de comportamento, saberes e práticas.

No entanto, o novo que se oferece pela televisão também encontra resistências: o agricultor Elias Martins Pego, de 78 anos, pai de Alzeir, não possui o aparelho de tevê. Prefere continuar ouvindo rádio. Optou por comprar uma

geladeira, “para beber água gelada” quando estiver trabalhando e para conservar o queijo que produz no sítio. Creuza de Jesus, de 31 anos, diz que tem raiva da televisão. Evangélica, não abre exceção nem para os programas religiosos exibidos pelo veículo. Gelson Mello, de 50 anos, perdeu o interesse pela tevê desde que passou a freqüentar a igreja Luterana. As primeiras linhas desse mapa começavam, então, a ser traçadas.

Para Santos, “aquilo que habitualmente designamos por globalização são, de fato, conjuntos diferenciados de relações sociais; diferentes conjuntos de relações sociais dão origem a diferentes fenômenos de globalização” (2001, p.60). Ele descreve o que denomina de “formas de globalização”: o localismo globalizado, o globalismo localizado, o cosmopolitismo e o patrimônio comum da humanidade. Sem querer negar ou contestar a importância do cosmopolitismo e do patrimônio comum da humanidade para a compreensão do fenômeno, esse estudo se concentra nos conceitos de globalismo localizado e de localismo globalizado.

2.2

O globalismo localizado em um lugar que não está no mapa

Ainda que a descrição feita por Cândido (2001) sobre as sociedades rurais date, em sua origem, de mais de 40 anos, o que percebemos com a pesquisa de campo é que as condições físicas e geográficas que caracterizam a comunidade de Vista Alegre se enquadram no modelo elaborado por ele. Assim, sob a ótica do autor, Vista Alegre pode ser descrita como uma sociedade rural. Cândido (2001) define as propriedades rurais como sítios ou fazendas, conforme o tamanho. Os moradores de Vista Alegre podem ser proprietários de terra ou trabalhadores das fazendas e sítios. Os proprietários, em geral, não moram lá. Costumam manter residência nos municípios próximos e se dirigem à localidade para fiscalizar as atividades desenvolvidas nas fazendas. É com a vizinhança e os parentes que os moradores locais mantêm uma convivência estreita, diária, a partir da qual se estabelecem as relações sociais básicas.

Cândido (2001) diz que o sentimento de localidade se forma a partir não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas que nutrem sobre esse território comum um sentimento de pertença e uma

necessidade mútua de cooperação. Embora cada família possa viver afastada uma da outra, desenvolvendo separadamente suas atividades agrícolas, é raro o caso daquele que vive completamente isolado. O autor descreve da seguinte maneira esse tipo de povoamento:

as habitações podem estar próximas umas das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. (Cândido, 2001, p.81)

As atividades desenvolvidas nas propriedades de Vista Alegre envolvem, em sua maioria, grupos de pessoas. Essa mão-de-obra costuma vir da própria família ou da vizinhança, o que reforça o caráter estrutural e funcional da comunidade. Proximidade promovida pela circunstância geográfica, pela necessidade de sobrevivência e pela prática religiosa. A grande maioria das famílias locais frequenta a igreja Assembléia de Deus. Cândido (2001) aponta a força da religiosidade como fator de sociabilidade nas comunidades rurais, uma vez que a igreja funciona também, algumas vezes, como espaço recreativo que transcende o âmbito familiar. Em Vista Alegre, excetuando-se alguns vizinhos e/ou parentes que convivem cotidianamente – seja pela proximidade das casas ou pela afinidade de que compartilham – é nos cultos realizados três vezes por semana que as pessoas costumam se encontrar.

Não é fácil chegar a Vista Alegre. É preciso sair do município de Santa Maria Madalena, pegar a RJ 142 em direção à Conceição de Macabu, sair de Conceição de Macabu e percorrer outras estradas, agora de chão, longas, poeirentas, pedregosas e esburacadas. Como não há sinalização que indique o caminho, é preciso perguntar.

Saindo de Conceição de Macabu, depois de quase meia hora de viagem por estradas vicinais, avista-se, à esquerda, uma pequena placa de madeira quase imperceptível em meio aos sacos de cimento que logo se transformarão em uma nova sede da igreja Assembléia de Deus. Estamos quase lá. Mas é longe e em alguns momentos surge a impressão de termos errado as indicações. Sabemos ter chegado a Vista Alegre ao avistarmos a primeira casa, já conhecida, de dona Maria de Lourdes. Depois as de Alzeir e seu Elias. A de dona Enilzete vem em seguida. Seguindo um pouco mais nos deparamos com a escola de Vista Alegre. Em frente à escola está a casa de dona Maria Elza. Ao lado estão seu Devaldo,

dona Maria Izabel e Antônio Luiz. Se dobrarmos à esquerda, chegamos à casa de Maria do Carmo, na Fazenda Capoeirão. À direita, encontramos dona Elenilza e a igreja Assembléia de Deus; mais adiante, do outro lado da rua, está a casa de Creuza e Paulo Sérgio, o sítio de seu José e dona Lúcia e, novamente à direita, a propriedade de Eliezer, que recebe os visitantes com uma deslumbrante alameda de coqueiros. As casas em geral se parecem, casas simples de roça. As distâncias entre elas são percorridas em poucos minutos. As relações se estabelecem por proximidade, contato físico, interações face a face.

Por dentro, as casas também se parecem: estruturas simples são ocupadas com móveis simples; na maioria delas há geladeiras. Com exceção de Creuza, Gelson e seu Elias, todas as famílias possuem aparelhos de televisão, que ficam nas salas, em torno dos quais se dispõem sofás e poltronas, mesinhas, estantes, cortinas. É na sala que eles recebem as visitas. À medida que o morador local passa a conviver mais com o meio urbano, criam-se novos hábitos, evidenciam-se novas necessidades, reduzem-se outras. Tais mudanças também irão provocar novas atitudes na relação com a terra, com as tradições e, por extensão com a vizinhança, conforme o lugar, a interação social, os aspectos culturais e econômicos. Mas as verdadeiras mudanças ocorrem lentamente em Vista Alegre. O ritmo de vida pouco se alterou com a chegada tardia da modernidade.

A monotonia e a falta de perspectivas limitam as expectativas. Muitos moradores locais dormem nas varandas, à tarde, porque não há o que fazer, não há o que esperar. Dona Maria Elza mora com o marido e três filhos. Passa os dias em casa, fazendo o trabalho doméstico. Cozinha, lava, passa roupa, limpa o quintal, pesca “uns lambaris para passar o tempo” e na horta só planta verduras, para o consumo da família. Não tem vontade de fazer lavoura porque está “em terra dos outros, depois o patrão fica zangado, manda a gente embora e fica tudo por aí”.

No que diz respeito ao acesso a municípios próximos, os moradores de Vista Alegre estão praticamente isolados. A estrada que leva ao lugar é ruim, em aclave, com muitas pedras. Quando chove, enfrenta-se muita lama, nenhum carro sobe. Quando não chove, come-se muita poeira. Faz calor. As pessoas saem pouco, quase sempre a pé, às vezes de carona. São longas as distâncias dos municípios com que costumam se relacionar. Os deslocamentos, na maioria das vezes, se dão por necessidade. Na maior parte do tempo, elas estão limitadas ao espaço circundante. Trabalham, cuidam da casa, freqüentam a igreja, a escola,

conversam com vizinhos, ouvem rádio e assistem à televisão. Anderson Vieira da Silva, de 16 anos, filho de dona Maria Elza, não estuda, porque considera muito sacrifício ter que acordar cedo para frequentar a escola em Conceição de Macabu; passa os dias em casa, onde ajuda a mãe a vender chicletes, sacolés e biscoitos em uma vendinha improvisada na janela de um dos cômodos. Assim como Anderson há também os que, por falta de oportunidades ou de estímulo, permanecem no lugar, trabalhando na roça dos outros.

Mas os moradores de Vista Alegre também precisam se relacionar com a cidade. Enquanto na convivência cotidiana o contato direto é mais freqüente, os habitantes locais estão inseridos em um município, ao qual, vez ou outra, precisam recorrer, uma vez que ele representa uma unidade administrativa com que, obrigatoriamente, se mantém sempre algum tipo de ligação, seja para exercer o direito de voto, consultar o médico, fazer compras, passear, ir a festas. “O homem rural depende, portanto, cada vez mais da vila e das cidades, não só para adquirir bens manufaturados, mas para adquirir e manipular os próprios alimentos” (Cândido, 2001, p.178).

Estando geograficamente mais próximos do município de Conceição de Macabu do que de Santa Maria Madalena, é com aquela cidade que os moradores de Vista Alegre mantêm os laços afetivos. Muito poucos têm algum tipo de relação com Santa Maria Madalena, mas são seus eleitores. As urnas para votação ficam em Conceição de Macabu.

Para ir de Vista Alegre a Conceição de Macabu, é preciso percorrer os 15 quilômetros de distância a pé, de bicicleta ou de carona, porque não há disponibilidade de transporte coletivo. Os únicos que têm condução garantida são os alunos de 5ª série em diante, que estudam em Macabu e dispõem de uma *kombi* da prefeitura de Santa Maria Madalena que os busca em casa para levá-los ao colégio. O motorista da kombi é marido da diretora da escola Vista Alegre, dona Maria José. Os jovens estudam e os pais consomem em Macabu: no supermercado do Calil as famílias fazem compras, no comércio local eles têm crédito para aquisição de roupas e eletrodomésticos. É nesse pequeno município que a população de Vista Alegre toma contato com os “objetos-mundo”¹¹: o *jeans*, o *hamburger*, “a coca-cola”, o *compact disc*. Ortiz diz que “o hábito de fazer

¹¹Para Ortiz (2003), os objetos-mundo são aqueles que, desterritorializados, atravessam as fronteiras nacionais e são incorporados às culturas de outros países.

compras, em algumas categorias sociais, encontra-se ainda arraigado aos lugares” (2003, p.83). Os vistalegrenses não consomem pela internet porque ainda não dispõem das técnicas e das ferramentas que os permitiria incluírem-se nesse mundo cibernético. Nesse sentido, a inclusão é ainda uma promessa.

A implantação da energia elétrica em Vista Alegre pode ser considerada um evento, de acordo com a definição dada por Milton Santos, segundo a qual um evento é sempre da ordem do presente e quando acontece, muda o rumo da história, pois “implica uma brutalidade eficaz”, provocando alterações nas pessoas e no meio (2006a, p.145)¹². No caso estudado, trata-se de um evento social ou histórico, porque pressupõe a ação humana, sua interferência no meio natural; os eventos, no entanto, não ocorrem isoladamente, porque dão origem a outros, sucedem-se, resultando em mudanças sociais e espaciais. A instalação da luz em Vista Alegre provocou, de imediato, alterações no meio geográfico e na maneira de seus habitantes se relacionarem com ele: seu Elias pôde comprar uma geladeira para manter por mais tempo o frescor dos queijos que produz; Eliezer investiu em equipamentos de irrigação elétricos, o que permitiu ampliar a área plantada e irrigada. A esposa de Alzeir tem hoje uma máquina de lavar. A televisão está instalada em quase todos os lares. Um aspecto do mundo desenvolvido se concretizou nesse lugar. Santos diz que

a interdependência dos eventos se dá em vários níveis. Todavia, dois desses níveis são os mais relevantes, ao menos do ponto de vista geográfico: o nível do mundo e o nível do lugar. Consideremos que o acontecer, isto é, os eventos, são consequência da existência dos homens sobre a Terra, agindo para realizar o Mundo. Onde escrevemos homens, leia-se, também, Estados, empresas, instituições de toda natureza, entidades que são, juntamente com os indivíduos, capazes de ação. (2006a, p.163)

Podemos supor, então, que, sob esse ponto de vista, o mundo se realiza em cada lugar. Se as possibilidades de realização do mundo dependem das oportunidades que os lugares oferecem (Santos, 2006a), quando o mundo rejeita um lugar isso significa que ele não apresenta as condições necessárias à sua

¹²Para Milton Santos (2006a), o evento é um veículo de uma ou algumas do conjunto de possibilidades existentes no mundo. O evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes em uma formação social, isto é, em um país, uma região, um lugar, considerados esse país, essa região ou esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam, são a matriz do tempo e do espaço; podem ser naturais ou sociais e cada evento é um fruto do mundo e do lugar ao mesmo tempo.

realização. Para que a ordem global se estenda a todos os lugares, é necessário dotá-los dos recursos materiais que viabilizem essa realização, a partir de uma história concreta, em que os indivíduos tenham condições de manejar as técnicas mais avançadas e assim organizarem-se e extrair delas os melhores resultados. Numa comunidade rural como Vista Alegre, por exemplo, a mecanização do meio geográfico e as mudanças no que se refere à produção agrícola não aconteceram: o manejo das lavouras é rudimentar e a agricultura produzida localmente ainda é de subsistência. Como incluí-los?

Dessa forma, o meio geográfico, em Vista Alegre, não pode ser descrito como técnico-científico-informacional, condição prevista por Santos, (2006b) nas áreas rurais desenvolvidas dos países ricos e pobres. Não se pode falar de uma região agrícola moderna. Ao contrário: esquecidos nesse espaço banal, agricultores e pecuaristas se queixam de abandono, da falta de assistência técnica e caracterizam o que Santos descreve como “um conjunto de produções localizadas, interdependentes, dentro de uma área cujas características constituem, também, um fator de produção” (2006b, p.109). O declínio da pecuária de leite – base da economia local – e uma absoluta falta de outras oportunidades fazem com que alguns chefes de família de Vista Alegre procurem emprego em Macaé e Campos dos Goytacazes, por questões de proximidade geográfica e oportunidades de emprego, já que lá conseguem trabalho na companhia estadual de eletricidade e na plataforma de petróleo. É o caso Eliezer e Alzeir, pequenos pecuaristas de leite. Sem a busca de soluções locais que os incluam num projeto de cidadania plena, ambos encontram fora a garantia de sobrevivência. Seriam eles não possuidores¹³? Nem por isso deixam de tocar as propriedades e de ter esperanças de que o preço do leite melhore e de que a empresa de assistência agrícola busque uma solução para o esvaziamento econômico da região.

A situação se repete em Santa Maria Madalena. O crescimento demográfico negativo talvez justifique a manutenção do distrito de Triunfo ao domínio territorial de Santa Maria Madalena. Uma preocupação que se reflete nas urnas e no empenho do resgate da memória do município: as secretarias de cultura e comunicação elaboram um acervo que busca catalogar, entre outros dados,

¹³ Santos (2006b) descreve como *não-possuidores* a parcela da sociedade para quem a convivência com a escassez é conflituosa, para aqueles que, a cada dia, sofrem uma nova experiência da escassez.

jornais, livros, documentos e depoimentos que registrem e mantenham viva a história local. O município corre o risco de desaparecer.

A comparação com o projeto totalizante da globalização, com “um mercado avassalador dito global”, como o descreve Santos, promove a acentuação das diferenças, dos contrastes e das desigualdades quando a proposta é fazer uma observação mais cuidadosa (2006b, p.19). Como falar de globalização em Vista Alegre se esse lugar sequer está inscrito em um mapa físico? Onde não há telefone fixo e ninguém tem computador? Qual é a dimensão da globalização em um lugar onde a energia elétrica chegou há cinco anos e trouxe junto, definitivamente e apenas a televisão? Um lugar onde a maioria das pessoas não completou o primeiro grau, não há transporte fácil para quem precisa dirigir-se ao centro e, no cotidiano, o espaço público se esgota na igreja, na escola, nos pastos e nas lavouras, onde os homens trabalham e sonham?

2.3

O localismo globalizado em Vista Alegre

Os processos globalizatórios em Vista Alegre começam a se dar a partir dos meios de comunicação, em especial a televisão. O aparato tecnológico opera no imaginário, dilata as fronteiras do nacional e do local, insere naquela comunidade aspectos de várias culturas, promove mudanças nos modos de comunicar, transforma as noções de identidade e pertencimento, age sobre a memória. É no local, onde a cultura e a economia estão enraizadas em um espaço geográfico concreto, que os moradores de Vista Alegre, expostos a outras referências, buscam possíveis maneiras de existir e dar sentido à vida cotidiana, esta agora atravessada por práticas desenraizadas, estranhas, geradoras de conflitos e potencializadoras de diferenças. Dessa forma, o meio eletrônico é tomado como ponto de partida para uma reflexão que concentra as atenções no lugar e no espaço ocupado por pessoas e grupos sociais, considerando as contradições, desigualdades e particularidades não apenas e simplesmente como condicionantes de uma posição contra-hegemônica, mas como elementos de uma nova linguagem e de uma nova forma de ver o mundo.

Muitos são os autores ocupados em investigar e descrever o fenômeno da globalização. Canclini a define como “um processo de fracionamento articulado

do mundo e a recomposição de suas partes” e procura enfatizar, em seus trabalhos, as dimensões políticas, culturais e comunicacionais desse processo (1999, p.11). Segundo o autor, trata-se de prestar atenção não nos efeitos homogeneizadores que ela possa acarretar, mas na multiculturalidade que emerge a partir do reconhecimento das diferenças. Giddens diria que a globalização pode ser descrita “como a intensificação das relações sociais em escala mundial”, quando os acontecimentos locais são modelados por eventos que ocorrem em esfera planetária (1991, p.69). Assim, a rotina dos indivíduos continua a ser permeada pela familiaridade e a tranquilidade características dos contextos locais; mas o contato com eventos e mensagens não mais vinculados a um tempo linear e ao espaço circundante pode estar modificando o sentido de localidade desses indivíduos. Rodrigues chega mesmo a afirmar que a globalização encontra suas origens no período neolítico, que instaura “o primeiro momento da modernidade” (2000, p.03). Para ele, o fogo, a roda, as técnicas agrícolas, a palavra escrita libertaram a experiência dos ciclos biológicos e das fronteiras temporais da vida. A globalização não é um consenso.

Santos (2001) afirma que a discussão em torno da globalização nos últimos anos dá ênfase às suas dimensões econômica e política, à consolidação de uma economia mundial capitalista e à concentração de poder político nas rédeas dos países hegemônicos. O surgimento de uma nova divisão internacional do trabalho, fomentada pela emergência das empresas multinacionais (que detêm hoje mais de um terço da produção industrial mundial), estabelece as transações econômicas em escala global e provoca o enfraquecimento das economias nacionais. Três blocos passam a ditar as regras da economia globalizada: os Estados Unidos, a Europa e o Japão. Nessa nova configuração mundial, os países periféricos (como o Brasil) estão submetidos às novas imposições do capitalismo transnacional. Os números relativos à distribuição de renda em escala global parecem comprovar essas informações: segundo o relatório do desenvolvimento do Banco Mundial de 1995 (Santos, 2001), as desigualdades econômicas entre os países ricos e pobres acentuaram-se drasticamente nos últimos vinte e cinco anos; hoje mais de um bilhão e duzentos milhões de pessoas vivem em miséria absoluta. Os países pobres concentram 85,2% da população mundial, enquanto nos países ricos o percentual é de 14,8%. Estes detêm 78,5% da renda mundial, contra 21,5% entre os países pobres.

O aumento das desigualdades tem sido tão acelerado e tão grande que é adequado ver as últimas décadas como uma revolta das elites contra a redistribuição da riqueza com a qual se põe fim ao período de uma certa democratização da riqueza iniciado no final da Segunda Guerra Mundial. (Santos, 2001, p.39)

O mapeamento da globalização parece demonstrar que a pobreza, o desemprego e a fome são conseqüências inerentes à expansão de um processo que prevê, do ponto de vista econômico, um distanciamento cada vez maior entre os ricos e os pobres, entre os que detêm as técnicas e as controlam e os que não as possuem e são por elas engolidos, entre o centro e a periferia. O desenvolvimento crescente dessas técnicas no mundo contemporâneo já não depende de fronteiras geográficas, nacionais. O fluxo de informação, dinheiro, pessoas e poder transforma o território - agora expandido – em um conceito ideológico, na medida em que irá exigir um redimensionamento do que se entende, no lugar, por pertencimento, identidade, imaginário e memória, agora modificados por trocas intensas, freqüentemente desiguais e de conseqüências ainda inapreensíveis¹⁴. Em Vista Alegre, a ausência de computadores, de linhas de telefone fixo, a má qualidade do sinal dos celulares e da maioria das emissoras de tevê são circunstâncias que disponibilizam para os moradores locais um mundo novo em fragmentos, de mensagens descontínuas, diversas e, muitas vezes, contraditórias. Mas eles as aceitam e, na medida de suas limitações, tentam tirar proveito dessa simultaneidade de ofertas confusas, desenvolvendo habilidades que permitam aprender ao mesmo tempo a lidar com a tecnologia e com os conteúdos que os alcançam. Produzindo reações e reescrevendo respostas, reproduzindo, no lugar, uma pequena parcela do mundo.

Os lugares são, pois, o mundo que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares. (Santos, 2006b, p.112)

Quando a globalização faz desaparecer as fronteiras territoriais, nacionais, não há, exatamente, complacência. Seria mais correto falar de inclusão subalterna, porque se trata de um processo de imposição e não de escolhas. Como

¹⁴ Para Santos (2006b) o território é uma identidade, a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais da vida, o chão mais uma população. O território também compreende “um conjunto de equipamentos, instituições, práticas e normas, que conjuntamente movem e são movidas pela sociedade”.

consequência inevitável em reação e resposta ao que se oferece, as particularidades locais e as diversidades de toda ordem emergem através das práticas sociais e culturais; ou seja, ainda que o projeto da globalização seja universal, ela produz não apenas homogeneização, mas também heterogeneização. É a partir do contexto, no qual os acordos e os interesses estão sempre se refazendo, que se estabelece o uso e a legitimação ou a resistência e a recusa a uma proposta hegemônica. Gelson Mello não tem televisão em casa. Desde que se tornou evangélico não assiste à tevê nem na casa de parentes. O campeiro diz que “a televisão não é de Deus”. Trocou a música caipira, que gostava de ouvir, pelos hinos religiosos e as rádios evangélicas. Curiosamente, não sabe explicar porque ouve os programas religiosos no rádio, mas não os assiste na televisão. Considera que a implantação da energia elétrica foi importante porque “agora quem trabalha na roça pode beber água gelada enquanto trabalha e algumas pessoas podem fazer sacolé para vender e arrumar uns trocados”. Poderíamos supor que o posicionamento de Gelson configura um caso que Santos (2001) caracteriza como de globalização contra-hegemônica, pois está condicionado aos atores e aos horizontes da vida que se constituem localmente, ancorado no lugar.

De acordo com Santos (2001), o globalismo localizado é a alternativa que, segundo o autor, cabe aos países periféricos, onde a integração na economia mundial se deu pela inclusão subalterna e pela exclusão; refere-se ao impacto que as práticas transnacionais dos localismos globalizados provocam nas condições locais, que devem se reestruturar para atender às novas exigências do mercado como, por exemplo, “a conversão da agricultura de subsistência em agricultura para exportação como parte do ajustamento estrutural” (2001, p.72). De outro modo, por localismo globalizado entende-se o processo pelo qual um fenômeno local se globaliza, se integra e se inclui; para isso, precisa vencer a luta pela valorização dos recursos de que dispõe, adaptando-se a uma ordem normativa global.

A título de ilustração, poderíamos citar o caso do surto de gripe aviária na Europa: quando os consumidores de lá pararam de comprar a carne de frango nos mercados, o setor avícola brasileiro – o maior exportador do mundo - precisou suspender a produção, fechar as granjas e demitir funcionários. Os prejuízos chegaram a U\$ 525 milhões. O global agia sobre o local e suas consequências foram irreversíveis, imediatas. A quebra de um contrato desse porte atingiu

grandes e pequenos criadores: a cadeia produtiva do frango gera quatro milhões de empregos no país, envolve produtores de milho e ração, fabricantes de medicamentos e equipamentos agrícolas, campeiros, meeiros, empregados domésticos. No âmbito local, os efeitos são a derrocada de pequenos comércios, dívidas com bancos, restrições nos gastos familiares, ou seja, o agravamento da pobreza e da exclusão. A globalização faz transparecer sua faceta mais dura: os bloqueios econômicos a que estão sujeitos os países mais pobres na hierarquia global, que, para conquistarem o mercado mundial, devem adequar-se aos preços internacionais e priorizar as exportações, submetidos às regras estabelecidas pelos países hegemônicos. Para Santos, quando a agricultura científica globalizada se instala em um território, “ela recebe influência daquelas mesmas leis que regem os outros aspectos da produção econômica” (2006b, p.88).

O exemplo pretende apenas demonstrar que, ainda sob a forma de relações assimétricas, se a hierarquização do poder na globalização faz acentuar as desigualdades e os conflitos que elas produzem, o global e o local precisam ser pensados como duas faces de um mesmo processo. Assim, não se pode falar em globalização sem localização, sem que desta se alimente, numa relação simbiótica e inevitável. Para existir, a globalização precisa se localizar.

Santos afirma que “aquilo a que chamamos de globalização é sempre a globalização bem sucedida de determinado localismo”, entendendo-se localismo como referência a territórios reais ou imaginários, onde as relações estão assentadas na cotidianidade e na convivência, permeadas pela sociabilidade que se estabelece entre aqueles que estão próximos; relações, entretanto, constantemente remodeladas pela necessidade de adaptação às mudanças impostas pela ordem global (2001, p.69). Quando os moradores de Vista Alegre precisam deixar suas casas e suas famílias para dirigirem-se ao “centro” para trabalhar, há, no local, uma reorganização do espaço cotidiano, que precisa se adaptar à mudança; em contrapartida, aquele que sai e retorna sempre volta modificado por essa experiência. Situações que poderão gerar enfrentamentos, conflitos entre aqueles que precisam se reestruturar diante das novas regras.

Não seria leviano afirmar que, se para alguns a globalização é sinônimo de abundância e progresso, para outros significa miséria, dependência e inevitabilidade. Um mecanismo seletivo, de acentuação de desigualdades, que sobrevive da manutenção de uma proposta totalizante e de uma promessa de

inclusão que cada qual imagina a partir de seus próprios recursos. Canclini (2003) dá a esse processo o nome de globalização imaginada: à idéia de que a globalização é para todos – tendo-se como referência a história dos vencedores – soma-se uma idéia de globalização que atua sobre os imaginários e sobre estes não há controle algum. Estar em contato com o mundo globalizado não significa, obrigatoriamente, globalizar-se; ao contrário: os poderes globalizadores não dão conta das diferenças históricas e locais e não oferecem alternativas para as contradições, apenas as acentuam. Canclini (2003) também afirma que os acordos e as fusões que se estabelecem entre poucos países fortes e ricos na escala planetária excluem as minorias e as culturas periféricas que, por sua vez, para sobreviver, tentam tirar algum proveito das trocas que se globalizam; e chama atenção para o fato de que “quase todos os símbolos máximos da globalização se encontram nos Estados Unidos e no Japão, alguns ainda na Europa e quase nenhum na América Latina”, o que comprova que esses fluxos se dão de maneira assimétrica (2003, p.49). Santos (2006b) afirma que as moedas nacionais latino-americanas mantêm com o mundo uma relação pobre, seu valor depende exclusivamente das regras de mercado, o que faz acentuar a dependência de um capital global. Aos países hegemônicos cabe a produção de bens e informações que serão consumidos pelas nações periféricas, qualquer inversão nesta ordem será estabelecida pelos “fortes” de acordo com os próprios interesses. Sob essa ótica, dadas as condições sócio-econômicas e culturais que se apresentam, Vista Alegre ainda não interessa à racionalidade da globalização.

Enquanto os países do bloco hegemônico parecem caminhar numa direção convergente, consolidada, nas nações que se encontram à margem aprofundam-se as desigualdades de toda ordem. Embora os reflexos da globalização sejam perceptíveis nas instâncias econômica, política, social e cultural, é no domínio da cultura que o fenômeno se mostra com mais frequência. Sobre ela, que também ajuda a descrever e compor o mosaico da globalização, reside o fato de que, nos países periféricos, cujas populações costumam ser, em grande maioria, formadas por analfabetos ou alfabetizados funcionais, os meios de comunicação eletrônicos, em especial a televisão, são os caminhos através dos quais os grupos tomam contato com os bens disponibilizados, principalmente, pelo Ocidente.

O mundo pós-guerra pôs fim ao estado nacional e ao nacionalismo. Segundo Smith (1990), o surgimento do comunismo, do capitalismo americano e

do projeto de comunidade européia – os novos imperialismos culturais - viria impor as ideologias supranacionais através do enfraquecimento da nação e das culturas nacionais. Sem ter a pretensão de fazer aqui uma análise desses movimentos e do êxito de suas intenções, cabe notar que, dentre as medidas adotadas nessa emergente hierarquização do mundo, as novas potências econômicas, movidas pela concorrência capitalista, lançam mão dos sistemas de telecomunicações em expansão e das redes de informações computadorizadas para estender a ideologia transnacional a um território quase global. Entretanto, ainda não é possível dizer que o mundo está totalmente interligado por satélites, cabos e redes telemáticas; estamos longe disso.

O projeto de transformar, enfraquecer ou anular as heterogeneidades étnicas, religiosas ou culturais para que se cumpra a proposta grandiosa da globalização ainda não foi alcançado. Para que a imposição de uma cultura global sobre os países periféricos se dê conforme o previsto, faz-se necessária a absorção e o entrelaçamento das culturas locais no processo, de forma que as raízes locais da globalização possam ser dimensionadas; uma cultura, antes de tudo, é sempre localmente produzida e está historicamente ancorada na experiência, na memória e na tradição compartilhadas entre indivíduos que habitam um espaço comum. Identidades plurais são sempre o resultado da interação entre aquilo que é próprio e o que vem de fora, em conexões que inevitavelmente produzirão diferenças. Appadurai (1990) diz que a tensão entre a homogeneização cultural e a heterogeneização cultural é uma das questões centrais quando se discute a interação global em curso. Para o autor,

o ponto crítico é que os dois lados da moeda do processo da cultura global são o produto da controvérsia infinitamente variada da igualdade e da diferença, numa cena caracterizada pelas disjunções entre as diferentes espécies de fluxos globais e os panoramas incertos criados nestas e através destas disjunções. (1990, p.325)

Os fluxos globais de pessoas, de capital, de informações e de imagens são produzidos agora num circuito desterritorializado, através do aprimoramento técnico, e promoverão disjunção, superposição e complexidades, ou melhor, uma nova maneira de estar no mundo, através da transformação do sentido na vida cotidiana. Mais do que homogeneizar, a globalização exige do indivíduo uma

nova atitude diante das mudanças e essa atitude sempre irá variar de pessoa para pessoa e dos recursos de que se dispõe. Appadurai (1990) aprofunda essa discussão quando traça as cinco dimensões do fluxo da cultura global¹⁵. Aqui nosso interesse é discutir, especialmente, duas dessas dimensões: os midiapanoramas e os ideopanoramas, que dizem respeito às capacidades eletrônicas de produzir e distribuir informações através da mídia e às ideologias que essas mensagens encerram. Esses fluxos se dão hoje em velocidades e entre indivíduos de tal forma diferentes que não se pode falar em relações objetivamente construídas, ao contrário: trata-se de interpretações condicionadas à contextualização histórica, lingüística e política dos grupos envolvidos. Embora os moradores de Vista Alegre venham sendo interpelados por imagens, notícias, produtos provenientes de um mundo globalizado, ainda não foram disponibilizadas para eles as ferramentas que poderiam torná-los agentes potencializadores de interferência nesses processos. Se a maioria dessas pessoas não chegou a completar a terceira série, não tem acesso a livros e informações que possam ampliar seus conhecimentos, estão aptas a formular opiniões críticas e ter um entendimento autêntico dos conteúdos que chegam via satélite? Eles têm tempo para assimilar tudo o que lhes é oferecido? Que usos fazem das mensagens que recebem?

Como num gigantesco *shopping center*, supostamente derrubadas as fronteiras, oferecem-se informações sobre idéias, modas, hábitos, em um fluxo ininterrupto de mensagens que introduzem diferentes práticas sociais e culturais. Mas cada lugar, cada país absorve de forma distinta os conteúdos globalizados e se estes mobilizam as interculturalidades, podemos afirmar que a disseminação de culturas agora desterritorializadas cria universos simbólicos múltiplos, combinações infinitas em que o local está irremediavelmente inserido no global. É a partir do lugar que habitam e do espaço que ocupam que os indivíduos formulam sentido para o mundo. Santos (2001, p.52) diz que a questão é “saber até que ponto a globalização acarreta homogeneização”; para isso, é preciso investigar os processos através dos quais a globalização atinge o local e o

¹⁵ As cinco dimensões do fluxo da cultura global descritas por Appadurai (1990) são o etnopanorama (dizem respeito aos turistas, imigrantes, exilados, refugiados, pessoas que constituem um aspecto essencial do mundo); o tecnopanorama (a configuração global e fluida da tecnologia); o finançopanorama (a distribuição e a circulação do capital global); os midiapanoramas e os ideopanoramas, esses dois últimos discutidos ao longo do texto.

transforma. Processos globalizatórios que envolvem pluralidade e complexidades, movimentos de constantes reconstruções de identidades, que se modificam, mas que podem não se anular completamente, já que estão conectadas a um sentido de pertencimento que as permite não pulverizarem-se.

2.4

Reflexos da cultura globalizada em Vista Alegre

A discussão em torno do início do processo de globalização não é um consenso entre os autores que dela se ocupam. Presume-se que não se trata de um fenômeno recente, nem precisamente datado. O tempo para o qual julga-se oportuno voltar a atenção, tendo-se em vista a discussão a que se propõe este trabalho, é aquele em que a produção, a distribuição e o consumo de bens culturais atravessa as fronteiras nacionais, geográficas e começa a modificar as relações sociais, políticas e econômicas entre os países. Para Canclini, um movimento que tem início em meados do século XX, “quando as inovações tecnológicas e comunicacionais articulam os mercados em escala mundial” e promovem mudanças socioculturais sem precedentes; movimento que irá gerar, entre outros, processos de reconstrução dos sentidos de pertencimento, identidade, imaginário e memória (2003, p.41).

Segundo Ortiz (2003), as indústrias culturais inauguram uma nova fase nas relações mundiais. Localmente produzidas, as culturas disseminam-se e deixam de estar limitadas ao mercado nacional. Expandem-se, misturam-se a outras, internacionalizam-se. A esse fenômeno, que para ele ocorre especificamente no campo da cultura, o autor dá o nome de mundialização, disseminando-se por países, etnias e comunidades e que, para efetuar-se, faz exigências: “para existir, deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens” (2003, p.31)¹⁶. Um enraizamento concretizado através da circulação de objetos-mundo, que extraídos de suas localidades, re-significados, fundam o que ele chama de memória-internacional-popular, uma memória cujos valores se perpetuam e se modificam a partir do uso, reproduzindo lembranças, produzindo sentidos em

¹⁶Ortiz (2003) distingue os termos global e mundial: ele emprega o primeiro quando se refere a processos econômicos e tecnológicos e o segundo é aplicado especificamente ao domínio da cultura.

dimensões distintas e envolvendo milhares de pessoas que, no entanto, por causa disso, não se tornam iguais: há sempre em jogo interesses e padrões, muitas vezes antagônicos, que se confrontam¹⁷.

A década de 1980 começou a registrar o intercâmbio crescente entre os produtos culturais de diferentes países, movimentação facilitada pelo aprimoramento da tecnologia das telecomunicações, das redes computadorizadas, que permitem a disseminação das formas globais de comunicação. Desde então, a circulação simbólica de conteúdos amplamente promovida pela globalização concorre para tornar a identidade “poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (Canclini, 1999, p.166). As culturas nacionais enraizadas, localizadas, começaram a ser invadidas pelo ideal de “cultura global”, que não está fixada em um lugar ou um tempo específicos, pois é extraída de vários lugares e de lugar nenhum, não tem história nem memória, sem tradição ou etnia. Conceito, no entanto, a que não se aplica o postulado da homogeneização, ao contrário: ao abarcar e deslocar culturas locais, a cultura global não as elimina, mas cria entrelaçamentos. Ao exporem-se às culturas agora desancoradas, indivíduos de diferentes nações abrem-se à possibilidade de estabelecer contato com outros significados, outros territórios culturais e de formularem novas indagações e respostas para antigas questões. Seja como for, estarão utilizando, nessa experiência, os saberes e práticas localmente produzidos para dar sentido à vida cotidiana. Cada nação, cada indivíduo irá ancorar-se no que é conhecido para tentar compreender o desconhecido. O fato de estarmos inevitavelmente e cada vez mais em contato com várias culturas não irá, necessariamente, fazer de nós cosmopolitas, embora seja esse o desafio. O novo não substituirá o velho e poderá inclusive, em alguns casos, reforçá-lo, especialmente se o velho estiver atrelado a um sentido de pertencimento.

Ao se confrontarem cotidianamente com os acontecimentos de todo o globo diante da tela de televisão, os moradores de Vista Alegre estão sendo chamados, sem se darem conta, a desenvolver uma compreensão do mundo que não mais se opera através da experiência pessoal ou dos testemunhos emitidos face a face. A disseminação dos produtos da mídia, a exibição crescente de

¹⁷Para Ortiz (2003), uma memória-internacional-popular funciona como um sistema de comunicação, em que as referências culturais mundializadas são forjadas no interior da sociedade de consumo.

imagens de lugares e pessoas que os alcançam dentro de casa transpõe o conhecimento do mundo para além do contato físico imediato; nesse momento, não é necessário estar fisicamente presente em um lugar para poder observá-lo, nem conhecer pessoalmente aqueles que, por repetição, se tornam íntimos porque comparecem todos os dias na sala de casa. Assim, através da mediação de formas simbólicas, os vistalegrenses são interpelados a se tornarem telespectadores, cidadãos, brasileiros, latino-americanos, periféricos, sem que para isso tenham sido consultados ou sequer precisem compreender o que cada um desses títulos significa. Atraídos por uma linguagem que aparentemente os inclui e supostamente é feita para eles, basta que aceitem as regras de um acordo estabelecido à distância para começarem a partilhar de grupos aos quais, de alguma forma, passam a pertencer. No entanto, as limitações geográficas que os mantêm afastados dos centros e a indisponibilidade de ferramentas que permitam interagir realmente com outros grupos contribuem para retardar uma possível inclusão.

A globalização que chega pela televisão promete tornar os moradores de Vista Alegre cosmopolitas, faz com que se imaginem cidadãos do mundo, já que o mundo está ao alcance dos próprios olhos. Eles entram em contato com outras culturas, têm experiências diversas e as vivenciam no imaginário. Mas só isso não basta. O cosmopolitismo, segundo Hannerz (1990), pressupõe competência: pertencer um pouco ao mundo exige a capacidade de discernir entre o que é próprio e o que é do outro e fazer, desse caldo, as escolhas que agradam e que são úteis. A assimilação de uma cultura não implicará necessariamente na extinção de outras, da própria, ou seja: quando alguém aceita ou recusa o contato com uma cultura, está utilizando as referências da própria, como suporte. Em Vista Alegre, os indivíduos que se dirigem ao centro, com todas as suas ofertas e promessas, na maioria das vezes retornam, presos a um sentido de lugar. Poderíamos dizer que conseguem resistir a ponto de fazer daquele centro sua periferia?

O funcionário da Petrobrás, Alzeir de Souza Pego, deixa a esposa e os dois filhos na periferia - em Vista Alegre - para trabalhar como pintor industrial no centro, na plataforma de petróleo em Campos, de 15 em 15 dias. O telefone celular (que só pega em um ponto específico da propriedade) ajuda a manter contato com a família. Quando volta para casa, Alzeir dedica-se à atividade de que mais gosta: a pecuária de leite. Ele fala: “Chego em casa, dou uma

atençãozinha pra família e vou logo cuidar das vacas”. Seria Vista Alegre seu centro?

A investigação sobre a comunidade de Vista Alegre tem demonstrado que, embora seus membros estejam geograficamente inscritos numa condição de proximidade, o êxodo, ainda que temporário, faz com que alguns deles se relacionem e pertençam simultaneamente a grupos distintos. No entanto, o fato de Alzeir e Eliezer, por exemplo, estarem sempre retornando nos leva a supor que, mesmo que os indivíduos vivam experiências diferentes, pertencendo simultaneamente a vários grupos, as particularidades de um dado grupo sobrevivem e, em alguma medida, em cada qual existirá o suporte de um pertencimento particular, preponderante. Do ponto de vista da globalização, tomando-se como base os referentes de que dispõem no que se refere a centro e periferia, seriam nossos personagens cosmopolitas?

Não. Não são considerados cosmopolitas, por exemplo, segundo Hannerz (1990), os indivíduos que se deslocam temporariamente para realizar negócios em outros territórios, quando não manifestam interesse em se relacionar com a cultura local - a não ser pela exigência circunstancialmente imposta - e não desejariam sair do lugar de origem, se pudessem fazê-lo. Não se adaptam. Ou ainda: alguns indivíduos que moram temporariamente em outros territórios por questões de oportunidade de emprego podem tentar resistir à cultura do lugar onde se encontram, especialmente quando ela se opõe ou põe em risco algum costume ou crença da cultura própria; o que também pode acontecer quando o custo financeiro para se manterem em terra estranha é alto demais em relação ao que se pretende arrecadar da experiência, se comparados os custos e os benefícios da empreitada. No caso de Alzeir, poderíamos supor que, mesmo convivendo com outros grupos, Vista Alegre seria para ele uma referência que dimensiona sua noção de pertencimento. É lá que ele se sente cidadão, ainda que não domine o significado político do vocábulo. Busca sua sobrevivência fora por uma imposição econômica, mas sente necessidade de continuar ancorado ao local de origem. Para pertencer um pouco a Campos, Alzeir precisa manter as referências próprias, locais, familiares.

Na primeira visita ao fruticultor e produtor de leite Eliezer Noch, ele revelou que, se pudesse, não sairia de seu sítio para trabalhar na companhia de eletricidade de Macaé, mas assim o faz porque precisa do dinheiro para

incrementar as atividades desenvolvidas na propriedade. De uma segunda vez, Eliezer informou que havia sido demitido do emprego na CERJ. Com a indenização recebida, investiu na compra de cabeças de gado leiteiro de qualidade para aumentar a sua produção, buscar melhores preços para o seu produto, conquistar novos mercados. O retorno às origens não significou para Eliezer um retrocesso. O contato com a tecnologia desenvolvida para melhoramento genético de rebanhos de leite permitiu que o pecuarista vislumbrasse melhores condições de vida, no lugar que ele escolheu para viver e ao qual julga pertencer. Para Santos, um mecanismo acionado pela necessidade de sobrevivência. Segundo o autor

a própria existência, adaptando-se a situações cujo comando freqüentemente escapa aos respectivos atores, acaba por exigir de cada qual um permanente estado de alerta, no sentido de apreender as mudanças e descobrir as soluções indispensáveis. (2006b, p.110)

Assim, ao que parece, quanto maior for o estranhamento de um indivíduo quando exposto a outra cultura, maior será a resistência, na medida em que se estabelece o confronto com as convicções e interesses particulares. Nesses casos, na medida do possível, o estranho tentará manter os hábitos cotidianos, locais, ainda que precise carregar para lá e para cá objetos, roupas, alimentos que fortaleçam o sentido do pertencimento. Não há uma assimilação voluntária, mas necessária. Os benefícios são previamente calculados e a permanência do indivíduo nessas condições exigirá dele capacidade de adaptação e destreza. A resistência à adaptação fará com que o indivíduo tente reproduzir na terra estranha um pedaço do que ele traz consigo. Talvez isso explique a comida japonesa em São Paulo, a comida brasileira em Miami, a comida mexicana nos Estados Unidos. Em um movimento de sentido inverso, a mundialização dos alimentos chega a Vista Alegre pelo supermercado do Calil, em Conceição de Macabu. Uma vez que não dispõem de quitandas e mercearias, o comércio característico das pequenas comunidades, muito menos de supermercados, os moradores de Vista Alegre precisam deslocar-se para buscar a *pizza*, o *hamburger*, a “*coca-cola*” – os ícones da cultura-mundo – no município vizinho, a referência mais próxima.

Na hibridização entre culturas locais desenraizadas é possível que novos traçados venham se configurando, num jogo que envolve necessidade e interesse.

Mas se a globalização, no sentido hegemônico do termo, se apresenta como um projeto irreversível, também o é, ainda, inapreensível no todo. Assim é preciso investigar se as divergências podem surgir não apenas da decorrência de um descompasso, como também por uma convicção de enraizamento, do qual nem sempre se deseja fugir. Sobre essa aparente contradição, Santos diz que “novas identidades regionais, nacionais e locais estão a emergir, construídas em torno de uma nova proeminência dos *direitos às raízes*” (2001:60)¹⁸. Quanto mais estranho e incompreensível for o mundo lá fora, maior é a necessidade de estar ancorado a um lugar conhecido, familiar, legível. Dona Enilzete nasceu e sempre morou em Vista Alegre, vai a Conceição de Macabu apenas quando precisa e diz que não tem vontade de sair dali, que é um bom lugar para viver, especialmente depois que a implantação da energia elétrica trouxe mais conforto ao dia-a-dia. Diz que não saberia viver em outro lugar. Conhecer o mundo que se revela pela televisão ainda não provocou em dona Enilzete o desejo de vê-lo de perto.

Thompson (2002) aponta para o fato de que a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades fechadas de uma cultura nacional, produzir novas possibilidades de identificação e compor alteridades mais políticas e diferenciadas. Ao tomar contato com fatos e eventos não mais limitados às condições de espaço e tempo, indivíduos específicos se apropriam de hábitos e fenômenos culturais praticados em outros contextos sociais, interpretando-os, e dando a eles novos sentidos, o que pode não significar, necessariamente, o abandono de antigas certezas. Em Vista Alegre, os moradores que saem em busca de oportunidades de emprego nos municípios mais próximos o fazem estimulados por uma absoluta necessidade de sobrevivência, mas, sempre que podem, retornam. Esse é o caso, por exemplo, de Antônio Luiz Lessa. O rapaz passa a semana em Campos, onde estuda para ser técnico eletricitário. Mas não abre mão de viver na localidade com os pais enquanto pode. “Eu estou acostumado a morar aqui e é mais tranquilo”, ele diz. Antônio faz da periferia o seu centro. Mesmo tendo a chance de conhecer novos lugares, de extrair deles várias referências, o rapaz mantém-se preso ao espaço que aprendeu a ocupar, um espaço que se mantém sempre vivo na memória, acionado pela saudade, pela convivência com o grupo circundante e pelo sentido de familiaridade e reconhecimento. Uma

¹⁸ O grifo no texto é do autor.

memória, no entanto, atravessada, pulverizada, reconstituída pela globalização que, em Vista Alegre, chega via televisão, trazendo os ícones, as referências de uma memória-internacional-popular.

Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação se colocam como reconstrutores do passado, alimentando nossa memória, selecionando e materializando em imagens fatos, pessoas e objetos que se transformarão em lembranças. As imagens produzidas e veiculadas pela televisão assumem um lugar de memória, pois são “lugares onde a memória se cristaliza e se esconde” (Nora, 1984, p.18). Elas registram um passado que pode não corresponder exatamente ao ocorrido, mas que promovem no telespectador a confortável sensação de que é permitido esquecer, porque estão sempre nos avisando do que devemos lembrar. O passado pode ser reconstituído no presente e, assim, tornar-se conhecido, legitimando uma dada narrativa sobre os fatos da história. Os conteúdos midiáticos recompõem o passado, ditam o presente e antecipam o futuro. Se a história fez da memória seu objeto, a televisão reconta a história e cria novos lugares de memória. Nesse caso, já não é preciso saber, nem lembrar; apenas “reaprender”. No caso de Vista Alegre, poderíamos supor tratar-se ainda de um aprendizado, uma renegociação contínua entre o que foi aprendido e o que pode vir a ser. Para Barbosa,

reconstruindo o passado, seja na ficção, seja no discurso informativo, a televisão sugere para o telespectador do presente que o passado não desapareceu já que, ao torná-lo acessível, faz com que continue a existir de alguma forma. (2003, p.116)

Dessa forma, de telespectadores nos tornamos testemunhas de um passado que, ainda que nos fosse anteriormente desconhecido, nos encontra, nos faz cúmplices, nos modifica. Nosso presente é partilhado com outros, que às vezes nem conhecemos. Sob esse ponto de vista, passamos a pertencer a um novo grupo, somos possuidores de uma nova memória, efêmera, fugaz, recomposta a cada vez que a televisão decide criar novos lugares de memória.

Segundo Halbwachs (1990), ninguém está só quando se lembra. Ainda que estejamos sozinhos, trazendo à tona fatos da memória que nos pertencem individualmente, essas são lembranças sempre construídas, compartilhadas. Lembranças permeadas pelo nosso lugar no mundo, assentadas em fatores tais como o uso comum de palavras e idéias, um patrimônio de que todos se utilizam

mais ou menos da mesma maneira; a sociedade em que vivemos e o que isso implica em valores morais, culturais e políticos; o lugar que ocupamos no grupo, em cada grupo de que fazemos parte; e a maneira como se dá a convivência com os outros. Nossa memória individual seria, então, um recorte da memória coletiva, já que estamos impregnados por referências que determinam diretamente sobre o que, como e do que lembrar. Referências que mudam a todo instante, tomadas que são pelas memórias impostas, alheias. Assim,

a sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto (Halbwachs, 1990, p.51).

Uma globalização imaginada, estimulada pela televisão, vai chegando a Vista Alegre, tornando cada vez menores as fronteiras com o centro, incorporando ao mundo agrário valores, instituições e padrões que se adaptem às novas regras do mercado global. Nos arredores, as grandes propriedades rurais adquirem tecnologia (computadores, celulares, televisores, máquinas agrícolas), instauram novos métodos de trabalho às lavouras e criações, passam a industrializar produtos antes manufaturados; do ponto de vista humano, busca-se o desenvolvimento intelectual, o aprimoramento profissional, mudam as maneiras de vestir, agir e pensar. A modernidade vai chegando devagar, procurando se adequar ao ritmo da história. “Aos poucos, ou de forma acelerada, conforme o setor produtivo, a nação ou a região, o mundo agrário transforma-se em conformidade com as exigências da industrialização e da urbanização” (Ianni, 1999, p.53).

No entanto, os municípios de Santa Maria Madalena e Conceição de Macabu, de onde Vista Alegre é periferia, mesmo que venham assimilando os materiais simbólicos disponibilizados pela globalização, guardam as características de roça, em termos econômicos de sistema de produção, distribuição geográfica e demográfica e de identidade cultural. Os bairros rurais ainda predominam nas duas cidades; neles já é perceptível um movimento em direção ao que as novas tecnologias podem oferecer; mas também há resistência, reforçada pela tradição, pela cultura religiosa, pelas práticas cotidianas assentadas na memória. Em Vista Alegre, as células familiares são extensas, formadas - em

sua maioria – por pai, mãe, filhos, genros, netos, sobrinhos, núcleos relativamente fechados, entre os quais ainda prevalecem, em certa medida, os costumes passados de geração a geração. Trata-se do que Cândido chama de “blocos familiares”, vizinhos que são membros da mesma família (2001, p.257).

A religião também exerce grande influência sobre os moradores locais, em grande parte, evangélicos. Com exceção de duas famílias dentre as visitadas, as outras freqüentam a igreja Assembléia de Deus. O pastor Paulo Sérgio, responsável pelos cultos, não chega a proibi-los, por exemplo, de assistir à televisão, mas costuma chamar atenção sobre o que devem assistir, sugerindo limites. Tradição e religiosidade, nesse caso, se não contribuem para rejeitar completamente o novo que a globalização impõe através do meio eletrônico, de certa forma interferem no ritmo com que essa assimilação deverá se dar - explícita ou tacitamente – como resposta às novas formas de existência.

A mídia designa a ela mesma o papel de narrador da história. Benjamin diz que “narrar histórias é sempre a arte de as continuar contando e esta se perde quando as histórias já não são mais retidas” (1983, p.62). Na narrativa produzida pela televisão, as imagens dão cara às nossas expectativas, antecipam nossas necessidades, satisfazem nossos desejos. Preenchem os vazios da nossa memória, criam novos espaços. Pretendem esclarecer quando estamos confusos diante de um mundo que se desenrola numa velocidade que é impossível acompanhar. Mas as imagens realmente esclarecem? Não. Contam novas histórias que somadas às próprias, conhecidas, alteram o modo de pensar, de lembrar, de imaginar.

A globalização imaginada de Canclini (2003) produz, no local, construções imaginárias a respeito das sociedades entre as quais circulam bens materiais e simbólicos em processos de intercâmbio, processos que sugerem um contato próximo com vários cenários culturais ao mesmo tempo e faz emergir os sujeitos. A multiculturalidade se materializa através do imaginário intercultural, ou seja, a partir do confronto entre o que um sujeito ou um grupo reconhece como próprio e do outro e do que resultará dessa simbiose. A globalização que a televisão leva para Vista Alegre está impregnada de um discurso próprio do meio que pretende alcançar o telespectador através das representações sociais.

Quando discorre sobre o fascínio pela imagem, Sodré (1994) diz que a lógica da “teleorganização social” é levar o indivíduo a encontrar sua identidade

num imaginário objetivado¹⁹. O imaginário organiza a vida de um indivíduo ou de um grupo de acordo com seus valores, seus projetos e expectativas; é definido como a representação que um indivíduo ou um grupo faz de si mesmo e de suas relações com os outros e com o mundo. Pela televisão, somos incitados a nos identificarmos com os papéis sociais que ela legitima através da informação e do entretenimento; ela promete-nos, dessa forma, um reconhecimento social, utilizando os mecanismos da repetição e da redundância. “A repetição é algo que integra os atos elementares da vida, que faz parte da monotonia cotidiana” (Sodré, 1994, p.64).

Dona Elenilza de Paula foi abandonada pelo marido há dois anos, com um filho pequeno para criar. É a única mulher separada de Vista Alegre. Sente vergonha e humilhação diante dos vizinhos e parentes porque foi trocada por outra pessoa. Trabalha como merendeira na escola local, mas está passando por dificuldades financeiras, porque “o pai do garoto agora só quer saber daquela mulher, não manda nada para o menino”. Quando não está no trabalho ou na igreja, dona Elenilza não sai de casa. Embora afirme não se prender à televisão, assiste “de vez em quando” às novelas. Através da novela *Alma Gêmea*, da Rede Globo (uma produção ambientada na década de 1940), ela passou a ter contato com a personagem interpretada por Drica Moraes, que era separada, foi roubada pelo ex-marido e mesmo assim conseguiu refazer-se, montar um negócio e encontrar um novo companheiro. A personagem serviu de estímulo para dona Elenilza deixar de sentir-se tão diferente, porque percebeu que a separação de casais “é mais comum do que a gente imagina, é uma realidade”.

Ao que parece, a fruição da novela agiu sobre o imaginário de dona Elenilza e possibilitou que encontrasse respostas para as questões pessoais diante de circunstâncias que envolvem suas necessidades e interesses. Caberia aqui a indagação de Canclini, quando ele pergunta: “Que relatos – nem simplesmente épicos nem melodramáticos – podem dar conta das recomposições que se produzem entre o global e o local?” (2003, p.32). Será na tessitura do dia-a-dia, no cotidiano de Vista Alegre, com sua banalidade e aspereza, que os relatos comuns

¹⁹ Para Sodré, a estratégia da televisão é reciclar sempre um mesmo modelo de funcionamento do sistema jamais questionado, levando o indivíduo a encontrar sua identidade em imagens de cuja produção ou de cujo circuito dialético está cada vez mais distante. Ao objetivar o imaginário, “os simulacros ganham um princípio de realidade (...) criando um espaço próprio, simulado, surreal” (1994, p.65).

dessa gente simples, nem épicos nem melodramáticos, organizam o sentido para suas vidas?

Em Vista Alegre, é perceptível o interesse de seus moradores pela aquisição de bens simbólicos e materiais que lhes permitam ter contato com o mundo globalizado. No entanto, esses indivíduos continuam a conduzir seu modo de vida primariamente a partir do que foi aprendido rotineiramente; o que parece ter mudado foi o modo como as experiências são incorporadas ao cotidiano, a nova dimensão que essas matérias simbólicas podem dar às relações que se estabelecem com outros.

A questão fundamental, então, é saber de que forma o universo cultural local passa a conviver com as mudanças promovidas pela contemporaneidade. É pensar de que maneira o ideal de centro interfere na vida de pessoas que se imaginam e se comportam como periféricos.

Dito de outra maneira, é necessário considerar uma perspectiva em que os indivíduos que se comunicam constroem, juntos, o lugar que servirá de referência às relações que se estabelecem entre eles e com o mundo, relações que poderão ser redimensionadas a partir desse “pôr em comum”, e onde a intenção não é necessariamente o que determina a comunicação, mas o que motiva e materializa o diálogo. A linguagem, nesse sentido, torna único o indivíduo, demonstra seu “modo de usar”, faz transparecer suas convicções, temores, desejos e inquietações e permite que ele se oriente em relação a si e aos outros, desde que seja possível reconhecer em outros esses traços de singularidade que emergem permeados por partilhamentos comuns, ainda que condicionados à submissão a códigos e regras que lhe são impostos. Para Certeau

o uso define o fenômeno social pelo qual um sistema de comunicação se manifesta de fato: remete a uma norma. O estilo e o uso visam, ambos, uma “maneira de fazer” (falar, caminhar, etc.), mas um como tratamento singular do simbólico, o outro como elemento de um código. Eles se cruzam para formar um estilo de uso, maneira de ser e maneira de fazer. (1994, p.180)

Fato é que o contato com a globalização não irá gerar, necessariamente indivíduos iguais, mas, antes, a possibilidade de fazer surgir novas diferenças. E se a globalização tem que procurar dar conta das diferenças para atingir o todo, é

através delas que se torna possível traçar uma cartografia de Vista Alegre. Nesse lugar, os moradores festejaram a implantação da energia elétrica no início de 2001. Mas eles estão se adaptando à nova realidade. Ainda é possível encontrar quem nunca teve televisão e, por não ter aprendido a conviver com ela, não sente necessidade de possuí-la. Lembremos de Gelson, seu Elias e Creuza. Casada com o pastor Paulo Sérgio, para ela “a televisão só ensina maus exemplos” e só vê utilidade nos programas evangélicos, mas não os assiste. Chegou a ficar irritada ao contar que, “quando chego na casa da minha irmã e está passando filme, eu tenho vontade de socar e quebrar a televisão”.

Se a globalização não atinge a todos da mesma maneira, o imperativo deve ser admitir a existência de “várias globalizações” desiguais no tempo e no espaço e a conseqüente necessidade de se promover o diálogo entre o global e o local para tentar mapeá-las. Se a cada ato de globalização corresponde, necessariamente, certo localismo, é preciso atentar para os “acordos” que devem se dar entre as partes, acordos que regem os processos globalizatórios descritos por Santos (2001). Assim será possível examinar o modo como a globalização se configura entre os povos, como alcança as localidades, historicamente construídas e em constante transformação. Cabe verificar, então, se pode ser confirmada a suspeita de que a apropriação de conhecimento por indivíduos específicos num contexto específico se dá, primariamente, pelo grau de interesse que os produtos – então mediatizados - podem suscitar e o que, na prática, esses indivíduos podem fazer com eles. Seu Hernandes Patrício, marido de dona Enilzete, trabalha numa propriedade próxima todos os dias. Aos domingos, quando está de folga, em casa, cuida de porcos, galinhas e de uma pequena lavoura. Também aos domingos, sempre que pode, assiste ao Globo Rural, porque “o programa é muito útil para quem mora na roça, ensina a vacinar, a cuidar dos animais e a plantar”. Diz que se ainda conseguir comprar um pedaço de terra já sabe fazer todo o serviço, porque aquilo que não teve a chance de aprender durante os anos de trabalho na fazenda dos outros, aprendeu na televisão. Seu Hernandes não deseja mudar-se de Vista Alegre; quer apenas “melhorar de vida”; o sonho que alimenta um dia realizar está inscrito no espaço circundante, estimulado no imaginário pelo meio eletrônico.

Nesse contexto, não é possível dissociar o advento da globalização do desenvolvimento dos processos de comunicação. Foi especialmente através do cinema, da indústria fonográfica, do rádio e da tevê, da autonomização da

produção e distribuição que os bens culturais começaram a circular em escala mundial. O aprimoramento contínuo dos equipamentos eletrônicos e a conseqüente velocidade com que as mensagens são transmitidas encurtam os espaços e transformam a noção de tempo, transpondo a experiência para fora da mediação socialmente compartilhada. Uma experiência que, aos poucos, os moradores de Vista Alegre começam a ter do mundo, através do aparato tecnológico então disponibilizado pela modernidade com a chegada da luz elétrica: o aparelho de televisão.